

Claudia Daiana, Borges; OMoré, Carmen Leontina Ojeda Ocampo; Krenkel, Scheila; Schneider, Daniela Ribeiro. Família, redes sociais e o uso de drogas: tensionamento entre o risco e a proteção

## **Família, redes sociais e o uso de drogas: tensionamento entre o risco e a proteção**

### **Family, social networks and drug use: tensioning between risk and protection**

### **Familia, redes sociales y uso de drogas: tensionamento entre el riesgo y la protección**

Claudia Daiana Borges<sup>1</sup>

Carmen Leontina Ojeda Ocampo OMoré<sup>2</sup>

Scheila Krenkel<sup>3</sup>

Daniela Ribeiro Schneider<sup>4</sup>

#### **Resumo**

Este estudo teve como objetivo realizar uma revisão integrativa de artigos nacionais e internacionais publicados entre os anos de 2004 e 2015, sobre a relação entre família e redes sociais, como fatores de risco e proteção, no contexto do uso de drogas. Foram acessadas quatro bases de dados, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed, Scielo e PscInfo, utilizando os descritores “social AND networks”; “family” e “drugs”. De um total de 234 artigos encontrados, 17 abordavam diretamente os temas deste estudo e constituem o *corpus* de análise. Os resultados sugerem que a rede social: a) tende a ser restrita entre os usuários de drogas, b) que há membros que também fazem uso de drogas e, c) que as redes constituídas por membros familiares apresentam-se ambivalentes no que se refere a fatores de risco e proteção ao uso/abuso de drogas. Destaca-se que o tensionamento presente no contexto social e/ou comunitário interfere, decididamente, na composição e funções da rede social, constituída em torno de usuários de drogas, seja como fatores potencialmente de risco ou de proteção.

**Palavras-chave:** família, redes sociais, uso de drogas, fator de risco e proteção, revisão

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia e docente do curso de graduação em Psicologia na Faculdade Metropolitana de Guaramirim - claudia.daiana@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia, professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina - carmenloom@gmail.com

<sup>3</sup> Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina - scheilakrenkel@gmail.com

<sup>4</sup> Doutora em Psicologia, professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina - danischneiderpsi@gmail.com

Claudia Daiana, Borges; OMoré, Carmen Leontina Ojeda Ocampo; Krenkel, Scheila; Schneider, Daniela Ribeiro. Família, redes sociais e o uso de drogas: tensionamento entre o risco e a proteção

integrativa.

### Abstract

This study aimed to conduct an integrative review of articles published between 2004 and 2015, on the relationship between family and social networks, as risk and protection factors, in the context of drug use. Virtual Health Library (VHL), PubMed, Scielo and PscInfo databases were checked with the keywords "social AND networks" AND "family" AND "drugs". We have found 234 articles and 17 of them directly addressed the object of this work. The results suggest: a) that the social network tends to be restricted among drug users, b) that in the network there are members who also make use of substances and, c) networks which include family members present ambivalent regarding risk factors and protection to prevent drug use / abuse. It is also worth noting that the tension present in the social and/or community context interferes decidedly in the composition and functions of the social network around drug users, either as potentially risk or as protective factor.

**Keywords:** family, social networks, drug use, risk and protection factors, integrative review.

### Resumen

Este estudio tuvo como objetivo realizar una revisión integrativa de los artículos publicados entre 2004 y 2015 sobre la relación entre la familia y las redes sociales como factores de riesgo y protección y el contexto del uso de drogas. Cuatro bases de datos fueron consultadas, Biblioteca Virtual en Salud (BVS), PubMed, SciELO y PscInfo, utilizando los descriptores; "drogas" "familia" y "redes sociales". Se encontraron 234 artículos y 17 de ellos constituyen el cuerpo de análisis de este trabajo, por abordar directamente las temáticas investigadas. Los resultados sugieren que: a) la red social tiende a ser limitada entre los consumidores de drogas, b) en la red social configurada en torno del consumidor hay miembros que también hacen uso de sustancias y, c) las redes de los miembros de la familia se presentan ambivalentes en lo que se refiere a factores de riesgo y protección al uso / abuso de drogas. Es de destacar la tensión presente en el contexto social y / o la comunidad interfiere decididamente en la composición y las funciones de la red social configurada alrededor de los consumidores de drogas, ya sea como posibles factores potencialmente de riesgo y/o de protección.

**Palabras-clave:** familia, redes sociales, uso de drogas, factores de riesgo y protección, revisión integrativa.

## Introdução

O fenômeno do uso de drogas afeta decididamente o ciclo de desenvolvimento vital, tanto em nível individual como familiar. Dados de pesquisa realizada pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), no ano de 2005, em 108 cidades brasileiras com mais de 200 mil habitantes demonstraram que 22,8% da população brasileira já fez uso de droga ilícita em algum momento da vida (Brasil, 2006). O consumo de drogas lícitas e ilícitas é inerente a muitas culturas, situações e contextos e as representações acerca do uso de drogas alteraram-se no decorrer da história, seus significados modificaram-se, indo desde um sentido recreativo até a dependência (Schenker, 2008).

No Brasil, as Políticas Públicas para álcool e outras drogas visam contemplar a complexidade e a multideterminação que envolve o fenômeno. As estratégias de cuidado e atenção são fundamentadas na lógica da Redução de Danos (RD) que é entendida como uma política e uma prática de Saúde Pública marcada por diversos procedimentos que visam minimizar as consequências negativas provocadas pelo uso de substâncias psicoativas. A atenção em saúde para os problemas relacionados ao álcool e outras drogas, do Ministério da Saúde, tem como eixo norteador a RD. As ações são direcionadas para o acolhimento das demandas de cada usuário sem fazer julgamento e estimulando a participação deste, reconhecendo as singularidades do usuário e construindo junto com ele estratégias que lhe possibilitem melhores condições de vida (Brasil, 2005; Lancetti, 2014).

O uso abusivo de substâncias psicoativas traz preocupações de ordem microsociais, como sujeito, família e

comunidade e de ordem macrosociais, como sociedade, políticas de saúde, segurança, justiça e economia. O fenômeno das drogas está imerso em uma trama com diferentes sistemas envolvidos, dentre eles: usuário, comunidade, sociedade e família. Por família, entende-se um sistema aberto onde há trocas com o meio, contato direto entre os membros, laços afetivos e histórias compartilhadas. A atenção à saúde do usuário de álcool e outras drogas deve ser priorizada na intervenção comunitária. Com a participação das redes sociais do usuário, é necessário propiciar um espaço de autonomia e participação coletiva (Orth & Moré, 2008; Souza, Kantorski, Vasters, & Luis, 2011). As estratégias de cuidado e atenção devem ser territorializadas, direcionadas à comunidade e articuladas ao contexto social dos usuários (Loures, Costa, & Ronzani, 2016).

As redes sociais exercem influência sobre o fenômeno do uso de drogas (Soares, 2012), sendo frequentemente identificadas como fator potencialmente de risco e/ou proteção. Como fator potencialmente de risco, são entendidas as condições e/ou circunstâncias que deixam o sujeito mais vulnerável aos problemas relacionados ao uso de drogas. Por outro lado, fator potencialmente de proteção, representa as condições para que o sujeito, mesmo tendo contato com a droga, consiga se proteger e não fazer uso prejudicial (Zemel, 2013).

Neste estudo, considera-se a definição de redes sociais conforme a perspectiva de Sluzki (2003), em que a rede social pessoal ou rede social significativa, representa a junção de todas as relações que um sujeito entende como significativas ou diferenciadas das demais. Assim, a rede social se configura pelo estabelecimento de vínculos interpessoais e contribui

fundamentalmente para o reconhecimento como sujeito, para a construção de identidade, para o sentimento de bem-estar, pertença e autonomia (Sluzki, 2003). As redes sociais constituem-se um fenômeno complexo e estão em permanente construção, o que requer o contínuo estudo e reflexão sobre as mesmas (Loures, Costa & Ronzani, 2016).

A forma de comunicação e intercâmbio interpessoal entre as pessoas das redes sociais significativas são definidas a partir das funções por elas desempenhadas (Sluzki, 2003). Essas funções podem ser definidas como: (a) a companhia social representa a companhia para a realização de atividades ou simplesmente estar juntos; (b) o apoio emocional se refere à atitude empática e oferece compreensão, estímulo e motivação; (c) um guia cognitivo e de conselhos oferece informações e orientações; (d) a regulação social relembra responsabilidades e atua na mediação de conflitos; (e) a ajuda material e de serviços refere-se a ajudas específicas, como financeira e de profissionais especializados; (f) o acesso a novos contatos, uma vez que a rede social aberta possibilita novos contatos com pessoas e redes que anteriormente não era possível (Sluzki, 2003).

Além das funções, as redes sociais possuem características estruturais específicas que são: (a) o tamanho se traduz no número de membros da rede. As redes mais efetivas são as de tamanho médio, entre 8 e 10 membros, pois redes muito pequenas tendem a sobrecarregar os membros em momentos de crise, enquanto as redes muito extensas tendem a ser menos efetivas porque os membros acreditam que já deve ter alguém auxiliando o sujeito quando necessário; (b) a densidade é qualidade das relações entre os membros e a influência que isso exerce sobre o sujeito; (c) a composição ou

distribuição diz respeito à posição de cada membro na rede, considerando o contexto da relação e o grau de intimidade; (d) dispersão é a distância geográfica entre o sujeito e os membros de sua rede; (e) a homogeneidade/heterogeneidade relaciona-se às diferentes características dos membros, como idade, sexo, cultura, nível social e econômico, podendo tais diferenças facilitar trocas ou tensões (Sluzki, 2003).

Diante da complexidade do fenômeno das drogas e seus efeitos sobre os sujeitos e sua rede social, este estudo teve como objetivo realizar uma revisão integrativa de artigos nacionais e internacionais, publicados entre os anos de 2004 e 2015, sobre a relação entre drogas, família e redes sociais. Por se tratar de um problema de saúde pública, ainda permeado por dúvidas e resistências quanto ao papel das redes sociais configuradas em torno dos usuários de álcool e outras drogas, esse estudo buscou trazer à tona subsídios que possibilitem a reflexão sobre a realidade que envolve o uso das drogas no contexto das redes sociais para melhor sustentar o processo de atenção integral à saúde dos usuários.

## **Método**

A presente revisão foi realizada em fevereiro de 2016, nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed, Scientific Electronic Library Online (Scielo) e PsycInfo. A revisão integrativa possibilita o conhecimento e integração de resultados de estudos sobre um tema específico, de modo a visibilizar um panorama conceitual compreensível e consistente, apontando os avanços e limitações das pesquisas que servem como referência para a prática profissional e novos estudos na área (Souza, Silva, & Carvalho, 2010).

Claudia Daiana, Borges; OMoré, Carmen Leontina Ojeda Ocampo; Krenkel, Scheila; Schneider, Daniela Ribeiro. Família, redes sociais e o uso de drogas: tensionamento entre o risco e a proteção

A pesquisa ocorreu com base na combinação dos seguintes descritores, intermediadas pelo operador booleano AND: “social AND networks” AND “family” AND “drugs”. Os critérios para inclusão dos artigos nesse estudo foram: a) artigos empíricos, teóricos ou de revisão de literatura publicados entre os anos de 2004 e 2015, b) artigos completos e que abordassem os temas drogas, família e redes sociais e, c) ser escrito em inglês, espanhol ou português. Por meio da análise dos resumos, foram excluídas as seguintes publicações: teses, dissertações, livros e resenhas.

Inicialmente, foram encontrados um total de 234 publicações, 58 na BVS, 85 na PubMed, quatro na Scielo e 87 na PsycInfo. Após serem considerados os critérios de inclusão restaram 33 artigos que tratavam especificamente sobre o tema deste estudo. Deste número, 16 se repetiam em mais de uma base de dados. Assim, compuseram a análise desta revisão 17 artigos.

A análise do material foi realizada em duas etapas. Na primeira etapa, os artigos foram lidos integralmente e classificados conforme seus dados bibliométricos referentes ao ano de publicação, natureza do estudo, participantes, local/país do estudo, técnicas e instrumentos de coleta de dados e tipo de análise de dados. Na segunda etapa, os principais resultados foram analisados de acordo com seu conteúdo e agrupados em três categorias com características similares, a fim de melhor organizar o *corpus* de análise deste estudo. São elas: 1) redes sociais como fatores de risco e/ou proteção para o uso de drogas, 2) relação entre rede e contexto social sobre o uso de drogas e 3) redes sociais relacionadas ao tratamento de usuários de drogas.

## Resultados e discussão

Nesta revisão foram encontrados 17 artigos que tratavam especificamente sobre família, redes sociais e o uso de drogas, sendo que apenas um estudo foi realizado no Brasil. Dos 17 estudos analisados, 13 relacionaram rede e contexto social como fator de risco e/ou proteção ao uso de drogas e quatro abordaram a relação da rede social no tratamento de usuários de drogas. Indo ao encontro do número reduzido de artigos sobre a temática, o estudo de revisão sistemática que visou compreender a utilização das redes sociais no cuidado aos usuários de drogas no Brasil identificou apenas nove artigos sobre o tema (Loures, Costa, & Ronzani, 2016).

Referente ao ano de publicação, três artigos foram publicados em 2013; três em 2008; três em 2006; dois em 2011; nos anos de 2004, 2005, 2007, 2010, 2012, e 2015 houve uma publicação em cada ano e em 2009 e 2014 não foram encontradas nenhuma publicação. Este dado demonstra a lacuna nas produções científicas, já que dos 11 anos investigados, em seis houve apenas uma publicação e em dois anos nenhuma publicação foi encontrada. Os estudos foram realizados no Brasil, Indonésia, Bélgica, Espanha, México, Inglaterra e nos Estados Unidos.

No que concerne à natureza da pesquisa, oito estudos eram quantitativos, seis qualitativos, dois estudos eram quantitativos e qualitativos e um foi uma revisão bibliográfica. Em relação à análise dos dados, foram utilizadas análises estatísticas, análises de conteúdo e análises temáticas de entrevistas. No estudo bibliográfico não foi descrita a metodologia empregada. Dois estudos citaram ter utilizado programas de computador para análise dos dados, não havendo especificação sobre os mesmos.

No que se refere ao local de coleta de dados, um estudo não descreveu onde

Claudia Daiana, Borges; OMoré, Carmen Leontina Ojeda Ocampo; Krenkel, Scheila; Schneider, Daniela Ribeiro. Família, redes sociais e o uso de drogas: tensionamento entre o risco e a proteção

ocorreu a coleta, apenas onde aconteceu o recrutamento dos participantes. Os demais estudos foram realizados em: Comunidade Terapêutica; Hospital-dia e ambulatório, clínica de planejamento familiar, clínica de tratamento para usuários de drogas; serviço voluntário de tratamento para dependentes químicos; favela; zona rural; escolas; abrigo para moradores de rua e albergue. Um estudo foi feito via computador e não havia lugar específico para os participantes responderem as perguntas. A diversidade

de campos de coleta de dados pode estar relacionada com o fato de que o uso de drogas ocorre em diferentes contextos e está associado a diversos fatores históricos e sociais (Schenker, 2008).

Quanto aos instrumentos para a coleta de dados, seis estudos utilizaram questionários, seis utilizaram entrevistas e quatro estudos utilizaram ambos, cabendo lembrar que um era de revisão bibliográfica. Os dados correspondentes podem ser visualizados na Tabela 1.

**Tabela 1.** Caracterização dos Estudos Selecionados para a Revisão de Literatura

Autor	Ano	Natureza da pesquisa	Participantes	Local/País	Instrumentos	Análise dos Dados
Neale & Stevenson	2015	Qualitativa	30 residentes de albergues	02 albergues/Inglaterra	Entrevista semi-estruturada	Análise de conteúdo
Day et al.	2013	Quantitativo e qualitativo	120 pacientes	Clínica de tratamento para o uso de drogas/Inglaterra	Entrevista semi-estruturada e questionário	Análises estatísticas com o programa SAS 9.2 e análise temática das entrevistas
Haye et al.	2013	Quantitativo	1.612 alunos	Escola/USA	Questionário	Análises estatísticas
Murphy et al.	2013	Quantitativo e qualitativo	52 pais	Independente/USA	Entrevista estruturada através de um programa de computador chamado EgoNet™	Análise de conteúdo e análises estatísticas
Costa et al.	2012	Qualitativa	23 adolescentes	Escola/Brasil	Entrevistas com grupo focal	Análise de conteúdo
Nasir; Rosenthal & Moore	2011	Qualitativo	8 jovens (6 homens e 2 mulheres)	Favela/Indonésia	Entrevista semi-estruturada	Análise temática das entrevistas
Rudolph et al.	2011	Quantitativo	650 jovens usuários de drogas	Participantes foram recrutados na rua/USA	Questionário	Análises estatísticas
Roe et al.	2010	Qualitativo	11 pessoas (9 homens e 2 mulheres)	Serviço voluntário para o tratamento do uso de drogas/Inglaterra	Entrevista semi-estruturada	Análise de conteúdo
Galván; Serna & Hernández	2008	Revisão bibliográfica	Não se aplica	México	Não se aplica	Não descrito
Marsiglia et al.	2008	Quantitativo	817 alunos	Escolas/Espanha	Questionário	Análises estatísticas

Claudia Daiana, Borges; OMoré, Carmen Leontina Ojeda Ocampo; Krenkel, Scheila; Schneider, Daniela Ribeiro. Família, redes sociais e o uso de drogas: tensionamento entre o risco e a proteção

Wu; Eschbach & Grady	2008	Quantitativo	712 mulheres	Clínica comunitária de planejamento familiar/USA	Questionário	Análises estatísticas
Tyler	2008	Quantitativo	145 jovens desabrigados com idades entre 19 e 25 anos	Abrigo/USA	Entrevista e questionário	Análises estatísticas
Brown	2006	Qualitativo	30 mulheres afro-americanas	Zona rural da região central da Flórida/USA	Entrevista semi-estruturada	Análise de conteúdo realizado com o programa Software Nvivo
Rayle et al.	2006	Quantitativo	71 jovens	Escolas/USA	Questionário	Análise estatísticas
Soyez et al.	2006	Quantitativo	207 pacientes	Comunidade Terapêutica/Bélgica	Questionário e entrevistas em profundidade	Análise de códigos da entrevista por meio do programa Winmax 98 e análises estatísticas
Best et al.	2005	Quantitativo	2078 jovens	Escola/Inglaterra	Questionário	Análises estatísticas
Satre et al.	2004	Quantitativo	925 pacientes	Hospital-dia ou ambulatório/USA	Entrevista e questionário	Análises estatísticas

A partir da análise de conteúdo dos 17 estudos, estes foram agrupados de acordo com a temática principal abordada, resultando em três categorias: 1) redes sociais como fatores de risco e/ou proteção para o uso de drogas; 2) relação entre rede e contexto social sobre o uso de drogas e 3) redes sociais relacionadas ao tratamento de usuários de drogas.

#### *Redes sociais como fator potencialmente de risco e/ou proteção para o uso de drogas*

No estudo de Best, Gross, Manning, Gossop, Witton e Strang (2005) foram examinados os fatores de risco e proteção associados ao uso da maconha. Identificou-se que os participantes que ficam mais tempo com amigos que usam drogas e menos tempo com suas mães têm maior probabilidade de usar maconha. Houve significativa relação entre o uso de maconha e o maior tempo junto com amigos envolvidos com drogas e menor

tempo junto com os pais, pois estar mais junto destes relaciona-se com o menor nível de consumo da substância. Ficar mais tempo com amigos envolvidos com drogas e com o crime foi preditivo para a frequência do uso da maconha o que indica que a rede social de amigos atua mais como um fator de risco do que de proteção para o uso da substância. Passar mais tempo com a mãe retarda o início e diminui a frequência do uso da maconha pelos jovens, caracterizando-se como um fator de proteção (Best et al., 2005). Esse dado também foi identificado por Vasters e Pillon (2011) que destacam que ter amigos que fazem uso de substâncias psicoativas e não ter o apoio da família são fatores de risco para o uso.

As redes sociais como fator de risco ou proteção ao uso de drogas foram discutidas no estudo de Costa, Camurça, Braga e Tatmatsu (2012) que entrevistaram jovens moradores de áreas de risco e descobriram que a rede social exerce função de proteção ou de risco, dependendo da

combinação de fatores econômicos e sociais e do que é mais importante na vida do adolescente que se envolve ou não com o uso de drogas. Entretanto, a maioria dos jovens destacaram a função protetora das redes sociais e salientaram que o lazer, o esporte e o trabalho, entendidos como redes sociais de apoio, são elementos de prevenção por trazerem outros meios de viver e melhores perspectivas de vida (Costa, Camurça, Braga & Tatmatsu 2012). Este dado vai ao encontro dos estudos de Souza et al. (2011) e Souza, Kantorski e Mielke (2006) que indicam que, dependendo das características das redes sociais, elas podem representar fator de risco ou de proteção para o uso de álcool e outras drogas.

Entre pessoas mais velhas e idosas, as redes sociais também são identificadas como fatores de risco ou proteção. Pessoas idosas que participam de um serviço voluntário para o tratamento do uso de drogas associaram relações conflituosas no passado com o uso de drogas atual (Roe, Beynon, Pickering, & Duffy, 2010). Todos os que participaram do estudo eram solteiros ou divorciados, passaram por perda dos relacionamentos com familiares, cônjuges ou companheiros e com seus filhos em função do divórcio, morte ou uso de drogas, sendo esta uma característica comum entre os participantes. A perda de relacionamentos importantes e de suas redes sociais, associados ao uso de drogas no decorrer da vida, pode ter acelerado o envelhecimento dos participantes do estudo (Roe, Beynon, Pickering, & Duffy, 2010).

Na pesquisa de Tyler (2008) sobre redes sociais, uso de drogas e comportamento sexual de risco, realizada com jovens sem teto em três cidades dos Estados Unidos, identificou-se que não ter um membro da família na rede social está associado com o comportamento do uso de

drogas. Ter utilizado drogas ilícitas com um membro da rede social aumentou o comportamento de consumo de drogas. As redes sociais dos jovens sem teto são marcadas pela estabilidade e interação frequente, proximidade e apoio social dos seus pares. Embora haja conflitos, isso não acontece com regularidade e, de um modo geral, os jovens sentem-se protegidos por sua rede (Tyler, 2008). Em relação à família como parte da rede social de usuários de álcool e outras drogas, estudos demonstram que ela tende a se afastar do usuário motivada pelo sofrimento que o uso da droga traz para a toda família (Picoli, 2013; Seadi & Oliveira, 2009; Souza, Kantorski, & Mielke, 2006).

Neale e Stevenson (2015) também pesquisaram a população sem teto em estudo que investigou a relação do uso de álcool e outras drogas e a condição de ser residente de albergues sobre a constituição das redes sociais e como elas interferem na recuperação do usuário. Identificaram que os participantes tinham uma rede de tamanho médio, que variava de três a 13 membros, com uma média de oito membros. Faziam parte da rede: familiares, profissionais dos albergues, outros moradores dos albergues, amigos e parceiros atuais ou antigos. Os resultados indicaram que os participantes, no período das entrevistas, tinham uma rede social ativa, que oferecia apoio material e emocional, além de proteção, companheirismo e amor. A rede social demonstrou ser um importante recurso na recuperação da dependência do usuário atuando como fator de proteção (Neale & Stevenson, 2015).

Em relação ao tamanho da rede, considera-se que redes de tamanho médio, com aproximadamente oito pessoas, sejam mais efetivas do que redes pequenas ou muito extensas. Isso porque, redes pequenas tendem a ser menos efetivas em



situações de crise, porque há evitação dos membros de entrar em contato com a tensão, ou ao contrário, há uma sobrecarga para quem atua junto à crise. Por outro lado, redes muito numerosas tendem a ser pouco ativas porque pode haver a suposição de que algum membro já deve estar cuidando do problema, gerando a inatividade da rede (Sluzki, 2003).

As amizades são destacadas no estudo de Marsiglia, Kulis, Luengo, Nieri e Villar (2008) como um fator de proteção ao uso de drogas entre adolescentes latino-americanos imigrantes na Espanha. Quando estes jovens se sentiam mais integrados com redes sociais no país, a intenção e o uso de drogas diminuíam, o que sugere que, quanto mais integrado estiver o jovem de família imigrante com sua rede social local, maior será o nível de proteção contra o uso de substâncias. Por outro lado, Rayle et al. (2006) identificaram que a maior fonte de oferta de drogas para os jovens indígenas americanos ocorre em suas redes sociais. As meninas são mais vulneráveis para o consumo de drogas que os meninos por receberem mais ofertas e terem mais dificuldades para recusar quando é oferecido por algum membro de sua rede social.

No Brasil, em estudo realizado por Benites (2012), adolescentes meninas também afirmaram que o grupo de amigos exercem influência sobre o consumo de álcool, uma vez que, para se sentirem integradas ao grupo, era importante consumir bebida alcoólica. Foi assinalada também a importância do contexto familiar como protetivo ao uso de álcool, uma vez que mesmo fazendo uso de álcool, o apoio familiar oferecido para as adolescentes as protegia do uso abusivo. Nessa direção, a pesquisa de Soares (2012) também identificou que a rede social exerce influência sobre o uso de drogas, tanto em

relação ao uso como na redução do consumo.

A função da rede social como protetiva ou de risco para o uso de drogas vem sendo identificada e discutida pela literatura como quesito importante no que concerne ao fenômeno das drogas. Esse fato também foi verificado pela análise deste estudo que identificou que a maior parte das produções citou a rede social como fator de risco e/ou proteção. Estes são indícios fundamentais para se planejar ações que envolvam prevenção e tratamento de usuários de drogas, tendo sempre em vista o potencial da rede social neste processo, desde que esta tenha vínculos fortalecidos e desempenhem funções protetivas.

#### *Relação entre rede e contexto social sobre o uso de drogas*

Essa categoria evidencia a relação entre a *rede social* - ou seja, as pessoas que fazem parte da rede de relações de usuários de drogas - e o *contexto social* em que vivem, o qual inclui condições socioeconômicas, de educação, moradia e trabalho. A relação entre rede social, bairro com menor condição socioeconômica e o uso de substâncias entre mulheres jovens de baixa renda foi investigada por Wu, Eschbach e Grady (2008). Esses autores identificaram a rede social como fator de influência sobre o uso de drogas. Se as jovens tinham mais amigos que faziam uso de drogas ilícitas, elas estavam mais propensas ao uso abusivo de drogas. Os resultados indicaram que as redes sociais podem influenciar negativamente as jovens, uma vez que mulheres de baixa renda tendem a ter mais amigos envolvidos com drogas ilícitas. Os usuários de drogas podem escolher para sua rede membros que reforcem o hábito do uso de substâncias. Este achado também foi

verificado no estudo de Vasters e Pillon (2011) que identificaram a influência dos amigos sobre o uso de drogas.

Haye, Green Jr, Kennedy e Tucker (2013) investigaram a influência do uso da maconha na escolha de amigos e sobre o consumo de outras drogas. Verificou-se que as escolhas de amizades estão relacionadas com as identificações entre os pares, jovens com pais de maior nível de educação eram menos propensos a escolher amigos cujos pais tinham menos educação. Ter amigos que tinham usado maconha durante a sua vida não previu significativamente a iniciação pelos adolescentes do uso da substância. Houve uma tendência moderada para selecionar amigos com base no uso da maconha bem como para imitar comportamentos de consumo de drogas de seus amigos. Outros estudos (Lins & Scarparo, 2010; Marques & Mangia, 2013; Vasters & Pillon, 2011) também indicam que amigos podem contribuir para elevar o consumo de álcool e outras drogas e dificultar o tratamento.

Em estudo realizado para verificar a influência dos pais e de sua rede social sobre o desenvolvimento das crianças (Murphy, Gordon, Sherrod, Dancy, & Kershaw 2013), foi identificado que as redes sociais com maior densidade, ou seja, com maior conexão entre os membros, estão associadas a normas de pares desfavoráveis, que incentivam o comportamento sexual de risco e ao uso de álcool e drogas. Quanto mais membros da rede social mantêm comportamentos de risco, maior a probabilidade de o pai envolver-se em situações de risco e uso de drogas. Os pais menos envolvidos com a família tendem a comportamento sexual de risco e uso abusivo de álcool e outras drogas (Murphy et al., 2013). Conforme indicam Rudolph, Jones, Latkin, Crawford e Fuller (2011), o uso de drogas pelos pais em casa influencia a constituição das redes

sociais dos filhos quando adultos, pois estes tendem a ter redes sociais com maior número de membros usuários de drogas e maior probabilidade para o abuso de substâncias.

No Brasil, pesquisas também abordam a participação da família no que se refere ao uso de drogas e ao tratamento. Vasters e Pillon (2011) identificaram que os participantes se sentem mais motivados a interromper o uso de drogas quando estabelecem novas redes sociais, sem a presença de usuários de drogas e quando contam com apoio da família. Nessa direção, Araújo, Marcon, Silva e Oliveira (2012) também observaram que a participação da família foi fundamental no processo de recuperação dos usuários.

O contexto social foi preponderante no estudo de Brown (2006), em que no caso de mulheres da zona rural da Flórida que faziam uso de drogas, as redes sociais tendiam a ser pequenas e com presença restrita de amigas. A única atividade que essas mulheres realizavam em rede era a utilização da droga e, mesmo assim, de forma esporádica. As mulheres relataram desconfiança em relação às outras mulheres e, para se proteger, limitavam seu contato social com outras mulheres, exceto com as de sua família.

Outro fator importante relacionado ao uso de drogas é a vida laboral, tal como aponta a pesquisa de Nasir, Rosenthal e Moore (2011) em que para jovens moradores de uma favela na Indonésia o emprego é um regulador do uso de drogas e favorece o estabelecimento de redes sociais mais saudáveis.

A importância do trabalho para usuários é identificada em outras pesquisas (Cavalcante et al., 2012; Souza, Kantorski, & Mielke, 2006). Os participantes do estudo de Cavalcante et al. (2012) salientaram a importância do trabalho para suas vidas, representando um elemento

auxiliar no processo de recuperação e do sentimento de utilidade e de ser produtivo. Muitos participantes perderam o emprego em função do uso abusivo de drogas e isto afetou a inserção social dos usuários. Souza, Kantorski e Mielke (2006) também identificaram em seu estudo que a perda do emprego é um fator causal para o uso de drogas ou consequência deste.

A relação do contexto social sobre o uso de drogas revelou-se de grande importância nas pesquisas analisadas, estando presente de maneira explícita em seis dos estudos. O contexto social associado às redes sociais são fatores determinantes na realidade de vida dos sujeitos, especificamente no que se relaciona ao uso de drogas. Condições sociais, culturais e econômicas exercem influência sobre o consumo de drogas e também na esfera da prevenção. Por esta razão, são determinantes que necessitam ser consideradas para a compreensão do fenômeno das drogas e para elaboração de estratégias de intervenção.

#### *Redes sociais e o tratamento do usuário de drogas*

A pesquisa de Satre, Mertens, Arean e Weisner (2004) comparou os resultados de cinco anos de tratamento para uso de drogas entre adultos mais velhos e entre adultos mais jovens e identificaram que adultos mais velhos ficam por um período maior de tempo em tratamento do que os adultos mais jovens. Ficar mais tempo em tratamento e não ter amigos que incentivam o uso de álcool e outras drogas favorece a efetividade do tratamento. Em relação às redes sociais, os adultos mais velhos relataram ter menos amigos que os adultos mais jovens, e ter menos membros de suas redes sociais que os incentivam ao uso de drogas. Embora as redes sociais de adultos mais velhos tendam a ser menores

que dos adultos mais jovens, eles relataram satisfação quanto ao tamanho e qualidade de suas redes. Sluzki (2003) afirma que a rede social significativa na velhice sofre perdas e diminui o número de vínculos, além de que as pessoas mais velhas se restringem mais às relações familiares.

Sobre a participação da rede social no tratamento de usuários de drogas, Day et al. (2013) estão desenvolvendo um estudo que visa implementar, observar e avaliar a eficácia de uma intervenção em rede social para pacientes que recebem tratamento em substituição ao tratamento de opiáceos. O estudo, em fase de desenvolvimento, espera com os resultados elaborar estratégias de intervenção mais efetivas para estes pacientes. Scaduto e Barbieri (2009) salientam que o sucesso do tratamento pressupõe a promoção do autocuidado, autocontrole e diminuição dos prejuízos pessoais associados ao uso de drogas.

Galván, Serna e Hernández (2008) realizaram uma revisão bibliográfica para identificar as principais contribuições das redes sociais para o tratamento e uso de substâncias. As pesquisas identificaram que características das redes sociais, tais como fragilidade dos vínculos e membros que também fazem uso de substâncias, tendem a representar um risco para o uso de drogas e dificultam o processo de tratamento (Galván, Serna, & Hernández, 2008). O tratamento para o uso de drogas precisa ter alcance ampliado, considerando a influência da família e das redes sociais acionadas pelos usuários, seja no processo de uso ou tratamento (Souza et al., 2011)

Em relação ao tratamento do uso de drogas, Soyez, Leon, Broekaert e Rosseel (2006) avaliaram a efetividade do tratamento em uma Comunidade Terapêutica utilizando a rede social como estratégia de intervenção. O apoio social oferecido pelas redes sociais contribuiu

para a adesão ao tratamento; apenas outra variável contribuiu significativamente para isto, que foi a motivação e disposição para o tratamento. A participação da rede social na intervenção demonstrou ser eficiente no tratamento em Comunidade Terapêutica e pode contribuir para a eficácia e a adesão ao tratamento dos participantes.

O envolvimento da rede social no tratamento de usuários de drogas é dinâmico e complexo, com momentos de proximidade e ajuda, outros de distanciamento e fragilização de vínculos, com sentimentos de incapacidade perante as dificuldades dos usuários. As redes sociais tendem a mobilizar-se para ajudar no tratamento, mesmo quando o sujeito não solicita ajuda (Marques & Mângia, 2013; Souza et al., 2011). O cuidado e atenção da saúde em álcool e outras drogas deve priorizar o fortalecimento dos vínculos da rede de apoio do usuário, reestabelecendo relações fragilizadas e possibilitando a construção de novos vínculos saudáveis (Paula, Jorge, Albuquerque, & Queiroz, 2014).

Para que o tratamento de usuários de álcool e outras drogas tenha maior efetividade, são necessárias ações ampliadas. Nesse sentido, a participação das redes sociais saudáveis, ativas e fortalecidas configuram-se como importantes corresponsáveis por este processo. Por outro lado, redes com características que favoreçam o uso de drogas pelos seus membros e que dificultam a adesão ao tratamento, precisam ser manejadas de forma a não interferirem negativamente no processo. Redes ativas, com a participação da família e com vínculos fortalecidos tendem a ser as redes mais efetivas no auxílio para o tratamento do usuário de álcool e outras drogas.

As redes sociais como fator de risco e proteção foi trazida por Reis et al. (2013)

que destacou a função de risco de redes sociais com familiares pouco envolvidos com seus filhos, o que propicia a iniciação dos jovens no consumo de drogas. Souza et al. (2011) também salientaram que redes sociais com membros usuários de drogas é fator de risco para recaída ou não adesão ao tratamento em sujeitos dependentes de drogas. Já no estudo de Moura, Silva e Noto (2009) e no de Costa et al. (2012), as redes sociais foram entendidas como fator de risco ou proteção, constituindo-se como fator de risco se houver membros na rede que façam uso de drogas e como fator de proteção se a rede for constituída por familiares e amigos não usuários.

Existem diversos fatores relacionados ao problema do uso de drogas que sinalizam contradições, desafios e denunciam a complexidade do fenômeno. Em função disso, usuários de droga, rede social, profissionais da saúde mental, pesquisadores e o contexto social, demonstram ter dificuldades para lidar com essa problemática, necessitando de apoio e atenção (Lins & Scarparo, 2010). É necessário ter uma visão crítica acerca do fenômeno das drogas. Para o tratamento do usuário é fundamental compreender e incluir sua rede social, pois através dela obtêm-se dados importantes acerca do suporte real e potencial oferecido para o sujeito, o que auxilia na elaboração de ações em saúde que estejam de acordo com as necessidades do usuário (Cavalcante et al., 2012).

Ademais, considera-se importante que o tratamento não seja pautado na lógica da abstinência, mas sim na Redução de Danos (RD). A interrupção do uso como única possibilidade de vida para o usuário precisa ser questionada e, nesse sentido, a lógica da RD propõe que, embora haja o uso de álcool e/ou outras drogas, os efeitos deletérios possam ser reduzidos. Assim, a principal preocupação deve ser com o

sujeito e sua vida e não com a substância em si (Lancetti, 2014). O cuidado e atenção devem ser direcionados para o usuário, sua família e comunidade, considerando as especificidades e necessidades dos sujeitos envolvidos assim como suas redes sociais (Costa, Colugnati, & Ronzani, 2015).

As redes sociais são importantes no cuidado e atenção ao usuário de álcool e outras drogas, sendo que as relações estabelecidas entre os membros da rede são fontes de ajuda e apoio às pessoas nessa situação. No entanto, em termos profissionais, chama-se atenção para a necessária compreensão do conceito de “redes sociais”, uma vez que, se este não fica claro, pode comprometer a utilização das redes como recursos de intervenção no tratamento e prevenção ao uso de álcool e outras drogas (Loures, Costa, & Ronzani, 2016).

A rede social é uma trama relacional que atua como fator de proteção, favorecendo comportamentos de prevenção e cuidados com a saúde (Seadi & Oliveira, 2009). Uma rede social significativa estável, sensível, ativa e confiável atua como fator de proteção contra doenças e como promotora de saúde (Sluzki, 2003). No que se refere especificamente ao uso de drogas, redes sociais integradas, saudáveis, com vínculos fortes e atuantes nas funções desempenhadas pelos seus membros, representam importantes fatores de proteção (Souza, Kantorski, & Mielke, 2006). Diante disso, evidencia-se a necessidade de família, comunidade e profissionais refletirem sobre a importância das redes sociais no contexto do uso de drogas e no tratamento, no sentido de pensar em novas estratégias de ações que insiram a rede social como parceiras e corresponsáveis no processo de prevenção, cuidado e atenção à saúde do

usuário.

### **Considerações finais**

Este estudo teve como objetivo realizar uma revisão integrativa de artigos nacionais e internacionais publicados entre os anos de 2004 e 2015, sobre a relação entre família e redes sociais como fatores de risco e proteção, no contexto do uso de drogas. Conforme identificado pela busca nas bases de dados, ainda há pouca produção específica sobre o tema, sendo encontrados 16 estudos internacionais e um que foi produzido no contexto brasileiro. Observa-se, no campo da produção do conhecimento, uma diversidade de conceituação de redes sociais, desde definições gerais até outras mais específicas. O que parece estar mais evidente em estudos publicados são as funções da rede social, como suporte institucional e de apoio social oferecido.

Os estudos analisados mostram que a influência da família e das redes sociais sobre o uso de drogas fica evidente. Cabe destacar que a composição da rede social representa fator potencialmente de risco quando há membros que fazem uso de drogas e fator de proteção quando os membros são pessoas da família e amigos que não fazem uso de drogas. Esta contraposição entre fator potencialmente de risco e proteção sinaliza um tensionamento em relação à trama constituída pela rede. Cabe aos profissionais que trabalham com esta demanda estar atentos ao tensionamento apontado, visando possibilitar condições para aproximação e fortalecimento de relações protetivas para os usuários. É interessante apontar que o contexto social se apresenta nos estudos, sinalizando seu potencial tanto para proteção como para fator de risco, o que coloca em pauta a necessidade de intervenções que integrem

Claudia Daiana, Borges; OMoré, Carmen Leontina Ojeda Ocampo; Krenkel, Scheila; Schneider, Daniela Ribeiro. Família, redes sociais e o uso de drogas: tensionamento entre o risco e a proteção

e/ou contemplem políticas públicas sociais, econômicas e culturais.

Embora haja consenso entre os pesquisadores de que a família, em termos de desenvolvimento humano, pode ser considerada tanto um fator de risco quanto de proteção, o avanço desse estudo, no contexto do uso/abuso de drogas, ocorre na medida em que apreende um olhar específico e chama atenção para as singularidades das funções das redes sociais, tendo em vista que poucas pesquisas aprofundam esse aspecto. Nessa direção, considerando a complexidade e amplitude do fenômeno, é urgente a necessidade de novos estudos que aprofundem sobre os tipos e especificidades das funções das redes sociais e família, entendendo como elas atuam no contexto do uso de drogas, de modo a oferecer subsídios para as estratégias de atuação profissional.

O uso e abuso de álcool e outras drogas configuram-se como um problema de saúde pública, que envolve sujeito, família e comunidade e requer estudos que possibilitem aos envolvidos no processo compreender este fenômeno, que ofereçam a oportunidade de reflexão sobre as práticas vigentes e vislumbrem/ novas formas de cuidado e atenção ao usuário. Dentro deste contexto, a rede social significativa se destaca como importante elemento para a compreensão e intervenção sobre o fenômeno.

## Referências

- Araújo, N. B. de., Marcon, S. R., Silva, N. G., & Oliveira, J. R. T. de. (2012). Perfil clínico e sociodemográfico de adolescentes que permaneceram e não permaneceram no tratamento em um CAPSad de Cuiabá/MT. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 61(4), 227-234.
- Benites, A. P. de O. (2012). *A influência da família no consumo de bebidas alcoólicas em adolescentes do sexo feminino*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis.
- Best, D., Gross, S., Manning, V., Gossop, M., Witton, J., & Strang, J. (2005). Cannabis use in adolescents: the impact of risk and protective factors and social functioning. *Drug and Alcohol Review*, 24, 483-488.
- Brasil, Ministério da Saúde. (2005). *Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas*. OPAS. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil, Secretaria Nacional Anti drogas. (2006). II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país - 2005. São Paulo : CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo.
- Brown, E. J. (2006). Why rural African-American Women who use cocaine mistrust women: the insider perspective. *Journal of psychosocial nursing*, 44(4), 36-41.
- Cavalcante, L. de P., Falcão, R. de S. T., Lima, H. de P., Marinho, A. M., Macedo, Q. de., & Braga, V. A. B. (2012). Rede de apoio social ao dependente químico: ecomapa como

Claudia Daiana, Borges; OMoré, Carmen Leontina Ojeda Ocampo; Krenkel, Scheila; Schneider, Daniela Ribeiro. Família, redes sociais e o uso de drogas: tensionamento entre o risco e a proteção

- instrumental na assistência em saúde. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 13(2),321-31.
- Costa, A. G., Camurça, V. V., Braga, J. M., & Tatmatsu, D. I. B. (2012). Drogas em áreas de risco: o que dizem os jovens. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 22(2), 803-819.
- Costa, P. H. A., Colugnati, F. A. B., & Ronzani, T. M. (2015). As redes de atenção aos usuários de álcool e outras drogas: histórico, políticas e pressupostos. In: Ronzani, T. M., Costa, P. H. A. da., Mota, D. C. B., & Laport, T. J. (orgs.). *Redes de atenção aos usuários de drogas: políticas e práticas*. (pp. 41-66). São Paulo: Cortez.
- Day, E., Colello, A., Seddon, J. L., Christie, M., Bamber, D., Powell, C., George, S., Ball, A., Frew, E., & Freemantle, N. (2013). Pilot study of a social network intervention for heroin users in opiate substitution treatment: study protocol for a randomized controlled trial. *Trials*, 14(264), 1-9.
- Galván, J., Serna, G., & Hernández, A. (2008). Aproximación de las redes sociales: una vía alterna para el estudio de la conducta de uso de drogas y su tratamiento. *Salud Mental*, 31, 391-402.
- Haye, K. de La., Green Jr, H., Kennedy, D. P., Pollard, M. S., & Tucker, J. S. (2013). Selection and Influence Mechanisms Associated With Marijuana Initiation and Use in Adolescent Friendship Networks. *Journal of Research on Adolescence*, 23(3), 474-486.
- Lancetti, A. (2014). *Clínica peripatética*. (9ª ed). São Paulo: Hucitec.
- Lins, M. R. S. W., & Scarparo, H. B. K. (2010). Drogadição na contemporaneidade: Pessoas, famílias e serviços tecendo redes de complexidade. *Psicologia Argumento*, 28(62), 261-271.
- Loures, B. P., Costa, P. H. A., & Ronzani, T. M. (2016). As redes sociais no cuidado aos usuários de drogas: revisão sistemática. *Psicologia em Estudo*, 21(1), 29-39.
- Marques, A. L. M., & Mângia, E. F. (2013). Itinerários terapêuticos de sujeitos com problemáticas decorrentes do uso prejudicial de álcool. *Interface (Botucatu)*, 17(45),433-444.
- Marsiglia, F. F., Kulis, S., Luengo, M. A., Nieri, T., & Villar, P. (2008). Immigrant advantage? Substance use among Latin American immigrant and native-born youth in Spain. *Ethn Health*, 13(2), 149-170.
- Moura, Y. G., Silva, E. A., & Noto, A. R. (2009). Redes sociais no contexto de uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua. *Psicologia em Pesquisa*, 3(1), 31-46.
- Murph, A. D., Gordon, D., Sherrod, H., Dancy, V., & Kershaw, T. (2013). Friends, Family, and Foes: The Influence of Father's Social Networks. *American Journal of Men's Health*, 7(3) 228-242.
- Nasir, S., Rosenthal, D., & Moore, T. (2011). The social context of

Claudia Daiana, Borges; OMoré, Carmen Leontina Ojeda Ocampo; Krenkel, Scheila; Schneider, Daniela Ribeiro. Família, redes sociais e o uso de drogas: tensionamento entre o risco e a proteção

- controlled drug use amongst young people in a slum area in Makassar, Indonesia. *International Journal of Drug Policy*, 22, 463-470.
- Neale, J., & Stevenson, C. (2015). Social and recovery capital amongst homeless hostel residents who use drugs and alcohol. *International Journal of Drug Policy*, 01-09.
- Orth, A. P. da S. & Moré, C. L. O. O. (2008). Funcionamento de famílias com membros dependentes de substâncias psicoativas. *Psicologia Argumento*, 26(55), 293-303.
- Paula, M. L. de., Jorge, M. S. B., Albuquerque, R. A., & Queiroz, L. M. de. (2014). Usuário de crack em situações de tratamento: experiências, significados e sentidos. *Saúde e Sociedade*, 23(1), 118-130.
- Picoli, C. M. C. (2013). Adesão de Usuários de Crack ao Tratamento num Capsi do Interior do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis.
- Rayle, A. D., Kulis, S., Okamoto, S. K., Tann, S. S., LeCroy, C. W., Dustman, P., & Burke, A. M. (2006). Who is Offering and How Often?: Gender Differences in Drug Offers Among American Indian Adolescents of the Southwest. *J Early Adolesc*, 26(3), 296-317.
- Reis, D. C. Dos., Almeida, T. A. C. de., Miranda, M. M., Alves, R. H., & Madeira, A. M. F. (2013). Vulnerabilidades à saúde na adolescência: condições socioeconômicas, redes sociais, drogas e violência. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 21(2), 586-594.
- Roe, B., Beynon, C., Pickering, L., & Duffy, P. (2010). Experiences of drug use and ageing: health, quality of life, relationship and service implications. *Journal of Advanced Nursing*, 66(9), 1968-1979.
- Rudolph, A. E., Jones, K. C., Latkin, C., Crawford, N. D., & Fuller, C. M. (2011). The association between parental risk behaviors during childhood and having high risk networks in adulthood. *Drug and Alcohol Dependence*, 118, 437-443.
- Satre, D., D., Mertens, J., R., Arean, P., A., & Weisner, C. (2004). Five-year alcohol and drug treatment outcomes of older adults versus middle-aged and younger adults in a managed care program. *Addiction*, 99, 1286-1297.
- Scaduto, A. A., & Barbieri, V. (2009). O discurso sobre a adesão de adolescentes ao tratamento da dependência química em uma instituição de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 605-614.
- Schenker, M. (2008). *Valores familiares e uso abusivo de drogas*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Seadi, S. M. S., & Oliveira, M. da S. (2009). A Terapia Multifamiliar no tratamento da dependência química: um estudo retrospectivo de seis anos. *Psicologia Clínica*, 21(2), 363-378.



Claudia Daiana, Borges; OMoré, Carmen Leontina Ojeda Ocampo; Krenkel, Scheila; Schneider, Daniela Ribeiro. Família, redes sociais e o uso de drogas: tensionamento entre o risco e a proteção

- Sluzki, C. E. (2003). *A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Soares, A. L. A. G. (2012). *Análise de redes sociais no estudo do uso de drogas: uma revisão sistemática*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestrado em Saúde Coletiva, Rio de Janeiro.
- Souza, J., Kantorski, L. P., & Mielke, F. B. (2006). Vínculos e Redes Sociais de indivíduos dependentes de substâncias psicoativas sob tratamento em Capsad. *SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas*, 2(1), 1-17.
- Souza, J. de., Kantorski, L. P., Vasters, G. P., & Luis, M. A. V. (2011). Rede social de usuários de álcool, sob tratamento, em um serviço de saúde mental. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 19(1), 1-8.
- Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8(1), 102-106.
- Soyez, V., Leon, G. de., Broekaert, E., & Rosseel, Y. (2006). The impact of a social network intervention on retention in Belgian therapeutic communities: a quasi-experimental study. *Addiction*, 101, 1027-1034.
- Tyler, K. A. (2008). Social network characteristics and risky sexual and drug related behaviors among homeless young adults. *Social Science Research*, 37, 673-685.
- Vasters, G. P., & Pillon, S. C. (2011). O uso de drogas por adolescentes e suas percepções sobre adesão e abandono de tratamento especializado. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 19(2), 1-8.
- Wu, Z. H., Eschbach, K., & Grady, J. J. (2008). Contextual Influences on Polydrug Use among Young, Low-Income Women: Effects of Neighborhood and Personal Networks. *The American Journal on Addictions*, 17, 135-144.
- Zemel, M. de L. S. (2013). Prevenção: novas formas de pensar e enfrentar o problema. In: *Prevenção do uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias*. (pp. 113-129). (5ª ed). Brasília, SENAD.

Recebido em 04/05/2016

Aceito em 08/07/2017